

A Fotografia como uma nova estratégia para o ensino de História

Por Tatiane Gasperin de Chaves Guerra¹, Jaqueline Benvenuti

Resumo

O presente artigo é fruto da experiência de estágio com alunas de magistério, onde várias temáticas foram utilizadas, ressaltando a diversidade e as possibilidades no ensino; neste texto daremos destaque a fotografia. Percebemos a necessidade de salientar a importância das imagens como leitura de elementos que compreendem a cultura, a sociedade e a imersão de uma história, de modo a formar fontes que expressam estes valores sociais que venham a agregar conhecimento por meio da análise crítica e de reflexões onde não sejam expostas como “verdades absolutas”, mas sim como leituras que nos aproximam de um contexto, problematizando por meio de sua representatividade o seu papel. Tomamos como aporte os trabalhos de Kossoy, Kubrusly e Mauad, conseguimos então ver a fotografia como estratégia para reconstrução da História, abrindo diferentes vertentes para o ensino e a aprendizagem.

Palavras-chave: Fotografia, Linguagens, Estratégia de Ensino, História, Articulação do saber

Abstract

This article is the result of the internship experience with teaching students, where several themes were used, emphasizing diversity and possibilities in education; in this text we will emphasize the photography. We realize the need to point the importance of images as reading elements comprising the culture, society and the immersion of a history, to form sources that express these social values which may add knowledge through critical analysis and reflections which are not exposed as "absolute truths", but readings that bring us closer to a context, questioning through their representative your role. We take input the work of Kossoy, Kubrusly and Mauad, we can then see the picture as a strategy for reconstruction of history, opening different aspects for teaching and learning.

Keywords: Photography, Languages, Teaching Strategy, History, Articulation of Knowledge

¹ Universidade de Caxias do Sul. Contato: tgchaves@ucs.br

² Universidade de Caxias do Sul. Contato: jbenvenuti@ucs.br

Introdução

O ensino de História, como outras áreas do saber, tem o papel fundamental de propiciar condições favoráveis de ensino e aprendizagem ao aluno. Sendo através deste contexto que trazemos presente a fotografia como temática a ser trabalhada neste artigo, tendo como objetivo geral a análise metodológica da fotografia como uma nova estratégia no ensino de História; sabemos que diversas tem sido as metodologias que podem ser abordadas em sala de aula, cada professor tende a adaptar a metodologia a turma/conteúdo, somado assim as suas características e predileções, temos por experiência vivida enquanto docentes neste curto período a utilização do cinema, rádio e internet; cada qual trazendo seus benefícios e dificuldades, as possibilidades encontradas são inúmeras, é impossível mensurar as possibilidades que um mestre do conhecimento tem ao adentrar no mundo das ideias, entretanto cabe ao professor escolher e adaptar a estratégia ao momento de ensino. Visualizamos a fotografia como recurso pedagógico viável, em que a imagem vem como um reforço à escrita propriamente dita, é realmente uma ferramenta de interpretação de determinado contexto, época ou até mesmo período específico, capaz de despertar a curiosidade do aluno por usufruir-se de uma estratégia diferenciada no ambiente escolar. Podemos citar como exemplo a monotonia que observamos nos estágios anteriores, onde o professor sempre se mantém em um lugar confortável, utilizando sempre o mesmo método, os quais ouvimos diferentes depoimentos, sendo um deles, que os professores sentem-se familiarizados com a utilização dos mesmos métodos e recursos, onde a interação não foge ao uso de livros e vídeos, apenas em raras situações percebemos que o uso de outras estratégias é empregado. Tendo assim, nestes poucos exemplos, uma experiência variada, propiciando ao aluno uma vivência nova, ele passa a ser o agente construtor de uma história onde pode se inserir”. Tendo em vista tais palavras, obtivemos tal experiência vivenciada com os alunos do mestrado do Colégio Cristóvão de Mendonza, em um curso oferecido sobre “As múltiplas linguagens do Ensino de História” que vai ao encontro da disciplina de Estágio em História III da UCS tendo como professora orientadora Dra. Eliana Relá. Ministrado no primeiro semestre de 2015, onde 20 alunos de diferentes idades participaram das atividades desenvolvidas em dias diferentes dos de suas obrigações usuais enquanto estudantes, com o objetivo que no futuro pudessem usufruir destes recursos em seu ambiente profissional; todos se mostraram muito responsivos

aos conteúdos abordados, nos mostrando que o que não é usual pode sim ser tomado como modelo e através destes recursos uma nova forma de conduzir/construir a aula pode surgir, favorecendo o companheirismo, amizade e a troca de experiências entre os participantes. Analisaremos, por meio do presente artigo, as experiências, perspectivas e os depoimentos da parte do “educador” e do “educando” do uso da fotografia como recurso que permeia de modo favorável o ambiente escolar.

Tendo em conta o ditado popular “a imagem vale mais que mil palavras” podemos analisar que o grande desafio dos docentes atualmente é de como mostrar a valorização que a fotografia possui, começando pela desmistificação do “mau uso” que se faz das imagens, ou seja; o papel só pelo papel, mostrando assim o desenvolvimento de uma linguagem necessária ao aluno de modo que eles possam ser capacitados para compreender o que a fotografia retrata e o que ela nos “fala”, que vai além de sua fisionomia mostrando seu valor simbólico que nos ensina a interpretar seu “código visual” embutido em um tempo e espaço histórico, sendo uma fonte no processo do saber. Vale ressaltar que a imagem em si não se dá somente através da fotografia, outros suportes podem ser utilizados para transmitir as imagens tendo o mesmo impacto no público receptor, salienta-se que os métodos podem ser diferentes, mas o objetivo é o mesmo; imagens que tenham certo significado podem provir até mesmo de vitrais, desenhos em postais entre outros, cabe ao profissional da educação a capacidade de refletir sobre esta representação, tornando mais compreensível ao aluno o ponto em que se quer chegar.

Podemos utilizar assim uma metodologia integrada e firmada na observação de artigos científicos, livros sobre o uso e a história da fotografia (suas iconografias) que vem ressaltar a grandiosidade da representatividade que esta ferramenta vem proporcionar e agregar para o conhecimento em sala de aula e sua efetiva eficiência, abrindo fronteiras como uma grande vertente para um saber renovado que desperte “o ser aluno” vivenciando uma nova forma de transmitir e propiciar novos conhecimentos de modo a formar uma engrenagem que edifique um novo rumo para a educação, ou seja, à construção de seu conhecimento, pois a fotografia faz com que o aluno interaja com esta “ferramenta didática” levando a reflexão, de modo a buscar conceitos e significados à imagem que está analisando, pois diferente de outros recursos que já “entregam” o conhecimento “pronto” ao aluno não fazendo com que eles se sintam sujeitos de seu próprio conhecimento. Segundo SONTAG a fotografia tornou-se um dos principais meios de acesso à experiência, a uma ilusão de participação onde por meio dela mudamos a nossa forma de

ver, fazendo assim um redirecionamento ao que vale apenas ser olhado, ou não. Por meio do resultado e da experiência vivenciada, este artigo vem a contribuir e agregar novas “vertentes” de conhecimento para o professor e o aluno, criando assim uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem em nossos ambientes escolares viabilizando assim uma alternativa renovadora para o Ensino de História. Esperamos que nossos alunos possam ao menos levar um pouco do conhecimento adquirido a sua vivência, influenciando seus alunos e colegas...

A importância da fotografia como estratégia metodológica e sua abordagem teórica

A fotografia remete ao século XIX, onde desde cedo foi possível resgatar a representação dada pelos olhos de quem vê, não há uma única representação correta, temos toda uma lista de fatores que influenciam isto, começando pelo principal, o fotógrafo, ele nos quer mostrar algo, é através de seus olhos que pode ser vista a imagem o mais fidedigna do que ele propõe, entretanto este não dispõe dos meios para explicar a imagem, somente através da representação pode demonstrar o que sente, ou deseja que as pessoas sintam. Temos o personagem, seja o homem, animal, natureza ou situação, vemos que esta figura é a mais emblemática, que pode ser construída ao bel prazer do fotógrafo. Temos também as fotos construídas com algum objetivo, através do desejo que algo fosse retratado desta maneira. E por último, os olhos de quem vê, quem deve julgar o produto, é impossível ter uma mesma representatividade, é inconsciente.

Ao mesmo tempo em que nos remete pensar através da fotografia as diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, é relevante salientar a importância das imagens como uma leitura de elementos que compreendem a cultura, a sociedade e a imersão de uma história, de modo a formar fontes que expressam estes valores sociais que venham a agregar conhecimento por meio da análise crítica e de reflexões onde não sejam vistas como “verdades absolutas”, mas sim como diferentes leituras que nos aproximam de um determinado contexto, problematizando por meio de sua representatividade o seu papel como elemento cultural da história.

Segundo Adorno e Horkheimer imersos aos ideais da Escola de Frankfurt analisam a representatividade da

imagem como uma função ideológica norteadora capaz de produzir sentidos, não sendo vista em sua neutralidade, mas sim na sua representatividade da realidade capaz de dar significados e sentidos aos fatos que as constituem. Atualmente vivenciamos a grande problematização do uso de imagens vinculadas ao ensino de história, onde grande parte dos professores possuem uma defasagem referente à utilização da imagem por meio da iconografia como recurso didático, por não apregoar as leituras necessárias a sua representatividade iconográfica não podendo assim aproximar-se desse meio como fonte de aprendizagem ao seu aluno ou quando a utiliza lhe emprega inadequadamente. Isso se deve ao fato que o próprio professor não foi instruído ou não se deu ao trabalho de aprender como utilizar este maravilhoso recurso, estamos acostumados a reproduzir o que foi-nos passado e cremos que esta prática permanece inalterada; através de uma tradição sem precedentes este recurso vem sofrendo depreciação se comparado a textos e vídeos. Quando em nossa formação que o trabalho com imagens foi preferido a o de um texto? Claro que não queremos questionar a utilização deles e séculos de formação, mas gostaríamos de propor uma nova forma de ensino, fazendo daquela imagem exposta uma fonte histórica de “comprovação e veracidade absoluta da história” não proporcionando ao seu aluno um debate e reflexões necessárias delimitando a aproximação da leitura do contexto histórico o qual a imagem está inserida, o significado transmitido por meio dela e os ideais que aquela imagem representa, qual foi o seu reflexo no tempo histórico em questão e como podemos analisá-la atualmente de modo a compreender o visual e o verbal como elementos de produção do conhecimento por meio da análise historiográfica como explica Certeau:

“Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como uma relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”.
CENTEAU, Michel, 2000, p.66

Por meio desse viés, percebemos a fotografia como uma invenção que surgiu junto da Revolução Industrial, e como diria a autora Boris Kossoy em seu livro “Fotografia e História”, a fotografia assume o papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento capaz de promover o apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística, no qual podemos usufruí-la como uma possível abordagem teórica e metodológica para o ensino de História. Segundo Kossoy, a grande problematização ocorre devido ao fato de muitos recorrerem à fotografia como um recurso de “expressão da verdade” considerando-a uma

arma temível àqueles que não sabem usufruí-la adequadamente ou por “manipulá-la” a seu favor, mas se utilizar de sua “imparcialidade” a história, contudo ganha um novo documento, ou seja; uma verdadeira revolução estava a caminho, por meio da preservação da memória visual, de seus fragmentos, acontecimentos, são veraz reflexos da existência conservada e congelada pelo registro fotográfico, tornando-se “memórias preservadas” por ser reconhecidas como documento: uma fonte para História onde a fotografia representa o reflexo da realidade. A partir da década de 80 o historiador passa a perceber a fotografia com outros olhos, com o acréscimo de novas fontes, novas estratégias passam a surgir e também novas indagações, nem tudo o que conhecemos permanece e a fotografia pode ser uma forma de transpor uma memória através do tempo, cabe ao profissional estabelecer seus objetivos, se dedicar a conhecer a fundo a fotografia e o que está representado, sempre lembrando que não existe uma única verdade.

Contudo, podemos nos perguntar afinal “O que é fotografia”, qual é o seu significado teórico relacionado ao ensino de História. Segundo Kubrusly (1991), *“Diante da pergunta, o menino hesitou um instante e lascou: fotografia? É quando a televisão para de mexer, fica tudo paradinho e a gente pode olhar as coisas devagar. É o maior barato”*(1991p.7). Através desta citação analisamos o fato do não questionamento referente à existência de imagens, para o “menino” não há questionamento, ele não se impressiona com a possibilidade de obtê-la ou reproduzi-la, de modo que o “mundo da imagem” existe e pronto, fato o qual talvez não tenha “alimentado” dentro de si a referência e a importância da fotografia como recurso pedagógico visto apenas como um objeto em que não produz significados, não podendo usufruí-lo de tal forma. A fotografia teoricamente, segundo o autor, é a possibilidade de parar no tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá, um processo de gravar e reproduzir tudo que nos cerca onde a fotografia é “tudo isso e mais um monte de coisa também”. Podemos brincar com esta noção, fotografia nos diz tudo como também faz o oposto, nos questiona, nos coloca a prova, é real? É uma construção? As dúvidas referentes a uma imagem retratada são muitas vezes maiores que suas constatações.

De acordo com a escrita acima, é necessário alimentar em nossos alunos e professores o “gosto” por esta estratégia de ensino de modo que a fotografia possa ser vista como uma ferramenta que venha a contribuir para o “ser aluno”, interligado na satisfação do professor de poder ensinar usufruindo de novas didáticas de ensino e aprendizagem. Através dos diferentes vieses podemos compreender o processo de ensino e aprendizagem, como exemplo, Dewey diz que a construção do saber consiste em que a edu-

cação é o processo de crescimento para obtenção de possibilidades de novas experiências como qual o próprio processo de “aprender a aprender”. Em outra instância temos Paulo Freire que visualiza a educação através da instauração de uma “pedagogia do diálogo”, que deveria ter por regra a horizontalidade entre educador e educando que persiste no encontro de homens que se amam e desejam transformar o mundo. Este diálogo consiste em perceber as situações vivenciadas pelo educador e o educando e na comunidade deste aluno, aprofundando-se através da problematização colocando assim o educando na condição de alcançar uma visão crítica de sua realidade.

O debate e os estudos sobre o uso da fotografia como fonte para pesquisa em História é algo que vem sendo questionado há tempo, principalmente quando nos debruçamos às técnicas e metodologias de trabalho a serem desenvolvidas em relação à fotografia como imagem, decorrente ao conhecimento que nos remete ao passado. Boris Kossoy atesta que:

“As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos, e por consequência, da realidade que os originou”. (KOSSOY, 2001p.32)

Para tanto, a observação e análise em reconhecer o significado da fotografia como fonte histórica e como estratégia de ensino e aprendizagem, se faz eficaz quando tanto o educador quanto o educando tenham em mente a fotografia como imagens ou iconografias que retratam o fragmento da realidade, um resgate da “memória” que tem como fundamentação teórica e metodológica uma interpretação do testemunho material e visual dos fatos históricos. Segundo Mauad (1995) a fotografia encontrou seu lugar como “fonte histórica” incluindo toda sua produção material e espiritual, tendo toda uma transformação da perspectiva “tradicional” da história, deixando de ser narrada uma história individual, passando assim a sintetizar as narrativas dos grandes fatos e dos grandes vultos. Para isso tornar-se de tal forma, é necessário nos debruçarmos ao tempo e espaço ao qual a mesma está inserida dentro de um contexto histórico em questão que venham a dar significado e sentidos a fotografia como uma nova estratégia de ensino para História. Se valendo da facilidade que os recursos nos proporcionam, já que os meios nos são dados de forma tão fácil, a qualquer momento podemos gravar uma imagem, não importando a motivação, pode ser algo banal como fotografar o texto escrito pelo professor no quadro negro, uma situação inesperada como o encontro com amigos de longa data a muito por se encontrar, uma visão fantástica

que nos chama a atenção como um por do sol vermelho; algo que seria bom guardar, que não passe sem a chance de receber um novo olhar e significado, pode ser que aquele momento seja importante e a fotografia é a prova que ele existiu.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para vida, é a própria vida” (Dewey, John).

A fotografia na visão pedagógica e historiográfica dentro de um tempo e espaço

A fotografia segundo Roger Chartier, compreende o modo de ver a sociedade dentro de um tempo e espaço (imagens, pinturas, documentos, objetos etc.). Tendo por base o pensamento de Chartier, ao nos remetermos as diferentes formas de ensino e aprendizagem é importante estabelecermos um recorte histórico, de modo a compreendê-lo dentro de sua época em questão, conforme a mentalidade, os fatos e acontecidos daquele período, para assim, poder traçar um paralelo entre o passado e o presente sendo hodierno ao ambiente escolar. Como diz Harvey (2004) *“As ordens simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para experiência, mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade” (p 198)*. Através desta citação podemos vivenciar as categorias de tempo e espaço como um modelo comum da percepção de realidade, e a importância de trabalharmos esta concepção com nosso aluno, de modo que ele não veja a fotografia como uma imagem “estagnada”, “congelada” no tempo, mas sim o reflexo e a sua produção referente ao passado, criando condições para que o educando saiba usufruir desta ferramenta, decifrando sua utilidade, incorporado assim a historiografia dentro de seu contexto. Ao nos remetermos ao termo “tempo histórico” é importante lembrar a sua clareza e objetividade, pois muitas vezes este viés de tempo está longe da realidade do aluno. Como nos diz José Saramago, *“Fisicamente, habitamos um espaço, mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória”*. De certa forma, a grande problematização ocorre ao analisar dentro do campo pedagógico escolar, se os educadores possuem suporte necessário para usar de novos mecanismos e estratégias (como a fotografia) em sala de aula de modo que o mesmo esteja incluso dentro do PPP (projeto político pe-

dagógico) da escola remetido ao olhar da História dentro de um tempo e espaço.

“Executando alguns problemas especiais, fazer fotografia é muito fácil e não exige conhecimentos profundos de nenhuma ciência. Talvez a maior exigência seja exatamente um conhecimento o mais diversificado possível.” (KUBRUSLY, 1991, P.12)

A escola, hoje, nos permite uma visualização além do “olhar articular”, ou seja, a uma única ferramenta didática de ensino e aprendizagem, pois os alunos de hoje são muito mais ativos e “avançados”. Segundo BENCINI as crianças de hoje são mais participantes, ouvem rádio, veem novelas, noticiários e programas de auditório e sabem operar computadores melhores que muitos adultos, na sala de aula, participam mais, se agitam, conversam, dão palpite, tudo porque tem opinião, resultado da facilidade de acesso à informação. Dentro desta perspectiva, nos permite analisar se a escola está preparada para lidar com esta nova realidade e o que os professores estão fazendo para se aproximar do contexto de nosso aluno atual, de modo a contribuir para uma educação diferenciada e eficaz, sendo este um dos objetivos a serem abordados neste artigo como uma nova estratégia para o ensino de História. BENCINI também remete sua fala em dizer que, *“as histórias e as notícias deixaram de ser privilégios de poucos e o que vale não é apenas possui-las, mas interpretá-las, em outras palavras, transformar informação em conhecimento”* (2002, p16). Baseado na fala da autora, vivenciamos diferentes recursos pedagógicos que, se trabalhados adequadamente, vem a suprir a realidade de nossos alunos e a satisfação de nossos professores, como exemplo em questão, a fotografia, que é considerada como “uma nova era de civilização”, onde a imagem tem, sem dúvida, um dos papéis principais, já mencionados anteriormente por Kubrusly.

Por base à historiografia, nos permite trabalhar a imagem fotográfica em sala de aula como recurso pedagógico desde que realizarmos os questionamentos necessários ao nosso aluno, identificando o contexto social, econômico, político e cultural do tempo e espaço, classificando o assunto registrado, o período o qual compreende, se possível, detectando o local de origem, o fotógrafo (a), os assuntos registrados (se mencionados) e os fatos que permeavam sobre aquela conjuntura. Com base a estes “questionamentos” o educando tem que ter como objetivo, o que quero desta estratégia pedagógica (fotografia) e onde pretendo chegar tomando como base este recurso.

Boris Kossoy, em seu contexto trabalha bastante a história e a fotografia como primórdio de desenvolvimento da pesquisa histórica. Utiliza como método a iconografia, se debruçando a um olhar “além do que determinada ima-

gem significa”, mas sim o que outras fontes históricas podem nos dizer sobre ela. A historiadora Miriam Moreira Leite vem ao encontro do pensamento de Kossouy, ao se referir que:

“As fotografias devem ser consideradas pelos historiadores da mesma forma que outra prova qualquer, avaliando mensagens que podem ser simples e óbvias ou complexas e pouco claras. Nunca contém toda verdade e muitas vezes se limitam a registrar aspectos visíveis, de matéria-prima a ser elaborada.”

Deste modo, podemos tomar como base para constatação da fotografia como articuladora das vias pedagógicas e historiográficas, o pensamento do ilustríssimo historiador Peter Burke ao se referir que “as câmaras fotográficas não mentem”, ou seja, a objetividade alcançada por meio dela. Burke remete-nos a pensar que imagem representada por meio da fotografia, além de ampliar nosso conhecimento, pode sim ser considerada uma fonte histórica que pode ser utilizada como estratégia pedagógica de ensino para “compreensão do passado”, traçando um paralelo com a história presente e as “técnicas” que venham a analisar e refletir tal ferramenta em sala de aula como registro da memória retratada por meio da História.

Relatos da experiência do estágio (professor/aluno)

Em nossa experiência de estágio, ofertamos o curso Múltiplas Linguagens no Ensino de História a vinte alunos do magistério da Escola Cristovão de Mendonça em maio de 2015, este foi oferecido em quatro sábados, tendo a carga horária total de 40 horas; nossos alunos a princípio compareceram para sanar a necessidade de suas horas complementares, já que precisam cumprir 400h, conforme dados da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. As temáticas abordadas foram rádio, fotografia, cinema e internet, através destes temas acreditamos que o básico foi passado a nossos alunos, dando-lhes um pontapé inicial a uma nova forma de ver e exercer a docência.

Começamos nossa reflexão tendo como base a citação da antropóloga Elisabeth Edward:

“A fotografia se tornou sedutora por sua capacidade de ser direta e por sua realidade aparente. O problema é, na sua essência, mais histórico e ideológico do que fotográfico ou foto-histórico, pois as fotografias nunca são simplesmente evidências. Elas são históricas em si mes-

mas e a complexidade dos contextos de percepção da realidade, enquanto manifestada na criação de imagens, cruza-se com a complexidade da natureza da fotografia em si, de várias formas”. (EDWARD, 1996. P15)



¹Fonte: Mapele News

Ao relatar sobre as experiências vivenciadas no estágio, podemos nos debruçar justamente à citação acima. A fotografia em primeiro momento foi observada pelos alunos, justamente como uma “imagem como qualquer outra”. Ao persistir em criar uma “possível estratégia de ensino” mencionada anteriormente nas entrelinhas do artigo, começamos a perceber a “sedução” por meio dos alunos, mencionado por Edward anteriormente. Percebemos a “carência” estampada em alguns alunos, de fato que os mesmos vieram buscar este curso por sentir a necessidade de se aperfeiçoar e “beber” de novas estratégias de ensino, tendo ciente a necessidade de um ensino renovado, o qual os métodos “tradicionais” por si só já não suprem mais a realidade de nosso aluno atual. Sentimos em primeiro momento a vontade deles em acreditar em uma “educação renovadora” e também detectamos a “defasagem” de conhecimento explícito em alguns deles. Por mais que a grande maioria sejam alunos de magistério, diversos ainda não tinham um contato direto com a “fotografia como estratégia pedagógica” ao ponto que, em primeira instância, não conseguiam fazer uma “leitura” do que estava à sua frente se debruçando ao ensino da História.

Ao fazer os devidos questionamentos da importância da fotografia como estratégia para o ensino de História, recordamos que esta foi uma das aulas onde mais houveram debates, pois cada um visualizava a imagem apresen-

¹ Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/menina-s%C3%ADria-confunde-c%C3%A2mera-com-arma-e-comove-o-mundo-122152206.html>. Acesso em Novembro 2015.

tada com diferentes perspectivas mas que levavam a um único viés. Podemos tomar como exemplo a fotografia da criança síria ao confundir a câmera fotográfica com o cano de uma arma. Por meio desta imagem, passamos a interiorizar todo contexto histórico que estava explícito naquela imagem e também a análise do que não enxergávamos visualmente, mas historicamente tinha toda uma abordagem e significação a ser trabalhada, o qual a turma conseguiu detectar. Neste momento eles conseguiram perceber que a fotografia é um instrumento simples e de fácil acesso para ser usado em sala de aula (diferente de outros recursos que requerem maior investimento financeiro, deslocamento etc.) e que muitas vezes passava despercebido, justamente por não saberem usufruir adequadamente deste instrumento pedagogicamente. Temos em mente um questionamento feito por um aluno, que muitas vezes o magistério se preocupada em exigir a produção de matérias que requeiram tempo e trabalho e se esquecem de mostrar outros recursos, como exemplo a fotografia, que tem inúmeros fatores a serem explorados e, se usados adequadamente, fornecem muito “pano pra manga” podendo assim, realizar um “trabalho” totalmente diferenciado, que desperte o interesse em nossos alunos e que os faça obter um conhecimento eficaz que muitas vezes vai além de nossas expectativas. Como é forte perceber que uma “imagem fala mais que mil palavras”, literalmente e historicamente.

O que se mostrou mais gratificante, foi perceber que grande parte dos alunos veio em busca do curso com o objetivo de suprir as “horas complementares” e já na primeira aula começaram a “desmistificar” o conceito que tinham. Compreendemos através de seus depoimentos que já estavam cansados de “ouvir sempre a mesma coisa”, já estavam habituados a algo monótono e repetitivo. Foi gratificante vê-los ligando para seus colegas e falando que este curso era diferente e tomando vantagem em relação aos outros que não estavam presentes, não tem sentimento maior passível de explicação. cremos que o significado maior o qual o curso proporcionou é justamente este, se eles estão cansados de vivenciar sempre a mesma coisa, serviu de incentivo para mudar, será que é isso mesmo que queremos que nossos futuros alunos também vivenciem? Ou, a partir de nossas experiências, tomar a tona o que já vivenciamos de bom e colocar como exemplo o que vivenciamos de “mal” como uma “lição” e, a partir dela, fazer algo diferente, em outras palavras o que é bom levar a vida profissional descartando o que não queremos levar daqui para frente dando o melhor de nós para não cair nos mesmos erros já vivenciados anteriormente.

Ouvimos muito aquela “velha frase” que temos uma escola do século XIX, com professores do século XX e alunos do século XXI e podemos dizer que com as poucas

experiências que tivemos em sala de aula, é possível sim fazer algo diferente que venha despertar o “gosto” do saber ao nosso aluno, claro que não será sempre e em todos os momentos que isto vai acontecer, mas se cada um der o melhor de si e fizer a sua parte preenchendo as lacunas que estão abertas em nossa realidade educacional, já agregaria um diferencial na educação. O grande problema que visualizamos é que grande parte dos alunos carregam a bagagem que vem desde nosso tempo de escola, a distribuição de conteúdos, sem estabelecer ligações da temática com a realidade do aluno, onde, nas suas próprias falas, detectamos o motivo pelo qual preciso saber isso, talvez porque em algum momento faltou expor ao aluno a necessidade de determinados conteúdos, de uma estratégia diferenciada, da questão de interdisciplinaridade do ensino, os quais, muitas vezes, estão longe de sua realidade e de suas perspectivas, ao qual cremos que seja nossa missão “preparar um terreno fértil e lançar sementes” para que depois possam colher os frutos do conhecimento que buscaram ao longo da vida.

Não nos cabe generalizar, mas acreditamos que seja através dessa nova geração de professores que apostam em uma “educação renovadora”, claro que para isso depende da força de vontade e dos ideais que cada educador carrega profissionalmente e onde pretende chegar. Para termos “aulas mais interessantes” com novas estratégias de ensino, precisamos sair do comodismo, sempre buscando estar “atualizados” (pois nossa área está sempre renovando, para não pararmos no tempo) e isso equivale tempo, dedicação, determinação, levando em conta que temos várias turmas a atender e que ao longo do percurso encontramos também dificuldades, ou seja; alunos que querem aprender e muitos que estão ali apenas por obrigação, alguns não possuem uma “estrutura familiar” capaz de fornecer o suporte necessário a esta fase tão importante da vida de uma criança, onde os pais acham que o “dever” é dos educadores de ensiná-los os princípios básicos que vem de casa, não sendo fácil lidar e conciliar tudo isso, mas mesmo assim isso não justifica o fato de não apostarmos em nossos alunos ou muitas vezes deixar alguns de lado e “taxá-los”. O estágio nos faz “enxergar com uma nova visão”, perceber e vivenciar momentos que só a prática propicia e no fim do dia o mais gratificante foi saber que o que importa não é se a aula “deu certo”, ou se ocorreu conforme o planejado, mas sim que foi tentado e que esta tentativa de um jeito ou de outro produziu frutos; ou seja contribuiu para novas vertentes do saber, fez de nossos alunos sujeito de seu próprio conhecimento, aprendemos que o estágio não é para “dar certo” mas sim para se tentar e de um jeito ou de outro deixar nossa marca estagnada como um diferencial para educação.

A teoria e a prática estão interligadas dentro de um conjunto que torna o aluno como sujeito neste processo de agregar o saber, em que, nas controversas da sociedade, “a educação é um direito de todos”, mas apenas alguns fazem jus aos pilares básicos de uma verdadeira educação. Como diz Paulo Freire: a teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem a teoria, vira ativismo, no entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Considerações finais

A experiência de estágio, de ministrar um curso como um todo, foi muito válida para nós. Além da identificação com a forma de trabalhar o conteúdo, nos propiciou uma nova possibilidade de ensino e aprendizagem, aperfeiçoando nosso campo de atuação docente, sendo que estudamos por um período de tempo toda parte “teórica” e agora usufruímos da disciplina de estágio para pôr em prática nossas aprendizagens e automaticamente “aprender a aprender” por meio da prática docente também, usufruindo assim de trocas de conhecimento agregando novo saber ao currículo acadêmico e profissional que certamente levaremos por toda vida. A educação é um caminho de mão dupla, é uma vivência do conhecimento mútuo e cremos que este seja o desafio do professor a cada dia, não parar no tempo, mas sim ser construtor de pontes que possam levar e trazer o conhecimento com diferentes olhares e percepções.

Ao nos depararmos com a visão crítica de Boris Kossoy, Cláudia Kubrusly e Ana Maria Mauad, procuramos mostrar a fotografia como uma possível estratégia para reconstrução da História e da memória nela embutida, abrindo diferentes vertentes para o ensino e a aprendizagem. Podemos concluir assim, que o grande desafio dos educadores em nossos dias atuais é criar estratégias para que nossos alunos apreciem o “gosto pelo saber” em suas diferentes vertentes. Conteúdo só por conteúdo, não forma um ser pensante, capaz de traçar paralelos, relações e proporcionando reflexões, entendendo assim a importância de novas estratégias e ferramentas que venham a propiciar um ensino de História renovador, capaz de analisarmos, antes de nos remetermos em “Como Ensinar”, persiste pensarmos; “Por que ensinar” e “Para que ensinar” de que forma estas ferramentas de ensino vem agregar e acrescentar novos rumores ao meio educacional. Como diz Paulo Freire

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”

Referências Bibliográficas

EDWARDS, Elisabeth. Antropologia e fotografia. In: **Caderno de antropologia e imagem**. Vol.2, A cidade em imagens. Rio de Janeiro: NAI/UERJ, 1996.

GEJÃO G. Natália: Fotografia e ensino de História: mediadores culturais na construção do conhecimento histórico.

GHIRALDELLI JR. Paulo. Didática e teorias educacionais. Rio de Janeiro: Dp&aeditora,2000.

HARVEY, D. (2004) Condições pós – modernas (A. V. Sobral & M. Stela, Trad) São Paulo: edições Loyola.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**, São Paulo: Ática,1998.

SILVA,O.Edlene. Relação entre imagens e textos no ensino de História.

KUBRUSLY, A. Cláudio: **O que é fotografia**, editora brasiliense, 1991 4º edição.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP,2001.

TAMBARA A. C. Eloar: A imagem fotográfica como fonte para a pesquisa em História da Educação.